

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
da  
Universidade de Lisboa

6/7



Edições  
*Colibri*

1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025

acompanhamento do texto (pp. 467-476), e um útil índice onomástico a fechar uma Obra que trará certamente grande proveito a todos os que no nosso país, dos cursos de licenciatura aos de mestrado, se dedicam ao estudo do Egípto faraónico.

*Luís Manuel de Araújo*

**DOMINIQUE VALBELLE**, *Histoire de l'État Pharaonique*, Col. Thémis – Histoire, Presses Universitaires de France, Paris, 1998, 450 p. ISBN 2-13-049317-3.

Já se terá perdido a conta ao número de obras que nos últimos cem anos têm sido publicadas versando sobre a história do Egípto faraónico. Mas esta não é «mais uma» edição sobre o tema: houve, notoriamente, a intenção de a individualizar e a diferenciar entre o vasto manancial já conhecido, propondo-se a Autora, como o título logo aponta, estudar e dar a conhecer o antigo Egípto, «le plus vieil État du monde» (p. 7), por um prisma político-ideológico. Por isso este oportuno volume da egiptóloga Dominique Valbelle, professora na Universidade de Lille III, surge inserido numa colecção, Thémis-Histoire, de cariz marcadamente politológico.

A primeira parte abre com «Les débuts de l'histoire et le mythe» (cap. 1, pp. 9-34), onde são apresentados os registos que permitem hoje evocar os primeiros reis do Egípto, a natureza do poder real, a administração das dinastias tinitas e as manifestações da política interna e externa desses recuados tempos. O capítulo 2 revela-nos «L'État égyptien au début de l'Ancien Empire» (pp. 35-55), com os soberanos da III e da IV dinastias, o culto real e o culto divino levados a preceito nessa época de espectaculares construções em pedra, demonstrando como os grandes complexos funerários reais de Sakara, Dahchur e Guiza petrificam as relações entre a monarquia e o mundo divino e como funcionam as instituições e a política da administração provincial e central dirigidas pelo vizir (*tjati*) e por altos funcionários. O capítulo seguinte evoca-nos «Une monarchie solaire» (pp. 57-75), com os filhos de Ré na V dinastia de influência heliopolitana e a sua legitimidade, as coevas estruturas governamentais onde se verifica a evolução do vizirato e da administração (na qual pontificam os letrados e dignitários «interprètes des valeurs

morales») e as formas da política. Em «La sauvegarde des institutions monarchiques» (cap. 4, pp. 77-97) revemos a VI dinastia e a ideologia monárquica que a caracterizou, a política interna e externa, o Egito e o mundo. Depois é a queda, com «l'État égyptien à l'épreuve» (cap. 5, pp. 99-113) onde a Autora procura detectar «les vestiges de l'État» nos atribulados finais do Império Antigo, a emergência dos poderes de substituição, com destaque para os soberanos de Heracleópolis (IX e X dinastias), e a evolução dos conceitos nessa época conturbada.

A segunda parte da obra começa com «L'émergence de Thèbes et le début du Moyen Empire» (cap. 1, pp. 117-133) onde se aborda a origem e a legitimidade da XI dinastia dos Antef e dos Mentuhotep, oriundos de Tebas, e a realidade institucional e política do tempo, seguindo-se «l'épanouissement du concept monarchique sous la XII<sup>e</sup> dynastie» com a tensão entre ruptura e tradição, a nova imagem do soberano, a beneficiação da zona do Faium, a política interna e externa (cap. 2, pp. 135-168), e «la force des institutions monarchiques» durante a pouco documentada XIII dinastia (cap. 3, pp. 169-186). A análise do Segundo Período Intermediário permite à Autora lembrar os vários reis hicsos, núbios (os reis de Kerma) e tebanos, com a vitória destes últimos na XVII dinastia (cap. 4, pp. 187-208).

A terceira parte inclui «Une nouvelle dynastie thébaine au pouvoir» (cap. 1, pp. 209-233), ou seja, a venturosa e rica XVIII dinastia, que coloca «Pharaon à la tête d'un empire» onde o exército e o clero de Amon vão assumindo preponderância num tempo propiciador de grandes construções (cap. 2, pp. 235-257). Vem logo depois a inevitável e breve interrupção anti-amoniana de Amen-hotep IV/Akhenaton, «Le soleil d' Amarna» (cap. 3, pp. 259-286), seguindo-se a restauração e «La gloire de l' Empire» (cap. 4, pp. 287-318), os primeiros ramséssidas, com realce para Ramsés II, e um último capítulo, «Un empire en héritage» (pp. 319-342), recordando o final tumultuoso da XIX dinastia e o início da prometedora XX dinastia até à desilusão dos últimos ramséssidas, cabendo sintomaticamente neste capítulo a XXI dinastia e a sua «gestion bicéphale du pays».

Na quarta parte é apresentada «La politique égyptienne et les formes de pouvoir» (cap. 1, pp. 343-353) das dinastias líbias, da XXVI dinastia saíta, dos invasores assírios e das últimas dinastias indígenas, mais um capítulo dedicado aos soberanos estrangeiros do Egito (cuchitas e persas, pp. 355-366) e finalmente «Le concept monarchique égyptien des Nectanébo aux empereurs byzantins» (cap. 3, pp. 367-379), assinalando a permanência da longa tradição monárquica egípcia no Império Bizan-

tino: «Un certain nombre de dispositions relatives aux couronnements impériaux à Byzance, comme la coïncidence avec les grandes fêtes religieuses dans lesquelles ils s'insèrent et une part importante des rites spécifiques, ne peuvent laisser l'égyptologue indifférent».

A visão cronológica «estatal» que D. Valbelle tem do Egipto faraónico pode bem detectar-se na organização da Obra e nos títulos das suas quatro partes: «Le plus vieil État du monde», «La restauration de l' État égyptien», «L'Empire égyptien» e «Les derniers siècles de l' État pharaonique». A noção de «Estado» aplicada ao Egipto faraónico enquanto nação politicamente organizada, e neste volume enfatizada, pode não ser aceite por todos, a começar pelos próprios Egípcios – de resto, como a Autora reconhece, «les Égyptiens n'ont pas véritablement de mot pour désigner l'État» (p. 3).

Antes do índice remissivo, feito com algum cuidado (pp. 419-450), encontra-se a Bibliografia, que é abundante e ocupa mais de trinta páginas (pp. 385-417). Não deixará no entanto de surpreender a ausência de alguns dos títulos da sua compatriota Claire Lalouette, e só a Autora poderá dizer por que razão não utilizou o clássico *La Civilisation de l' Égypte Pharaonique* de François Daumas (1965), que naturalmente se esperaria ver mencionado numa obra deste cariz.

*Luís Manuel de Araújo*

**DIETRICH WILDUNG**, *O Egipto. Da Pré-História aos Romanos*, Arquitectura Universal da Taschen, Taschen, Colónia, 1998, 240 p. ISBN 3-8228-7698-4.

Com a boa qualidade gráfica habitual nas edições da Taschen saiu a público mais um volume da série de quarenta dedicados à Arquitectura Universal, este sobre o Egipto (presença obrigatória numa temática como esta). É seu autor Dietrich Wildung, conhecido e conceituado professor de Egiptologia em Berlim e conservador (curador, preferiu escrever a tradutora) do Museu Egípcio de Berlim, depois de ter desempenhado funções idênticas em Munique. O director editorial da publicação foi Henri Stierlin, a quem se devem vários álbuns sobre a arte do antigo Egipto. Quanto à tradução, esteve a cargo de Maria Filomena Duarte, responsável, com os serviços de redacção e de revisão da Centralivros (Lisboa), pelas diversas anomalias e discrepâncias que infelizmente enxameiam este bem paginado e ilustrado volume, como a seu tempo veremos.